

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO III — Número 975

Quarta-feira, 25 de Janeiro de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha-Lisbon-4; Telefone 5339-0

Officina de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

OS AUMENTOS DA CIRCULAÇÃO FIDUCIÁRIA prejudicam apenas os assalariados

O operário, com o seu critério simplista em demasia, não liga importância de maior às flutuações do câmbio e aos aumentos da circulação fiduciária, considerando que se trata de coisas que apenas ao Estado burguês e aos capitalistas interessam. Só assim se explica que durante largos anos não se apercebesse do logro de satisfazerem os aumentos de salário que a carestia da vida o obrigava a formular, com papéis ilustrados que apenas possuem o valor que o Estado, entidade insolvente porque não possui valores reais com que garanta a nota, arbitrariamente manda fixar.

Mas a verdade é que, feitas bem as contas, e tomando como ponto de partida o dinheiro-moeda que até 1914 circulou, os sucessivos aumentos da circulação fiduciária de que os governos se tem servido, mais não representam que indirectas e pesadas contribuições que somente prejudicam o assalariado. E isto porque, fazendo-se a inflação fiduciária acompanhar sempre da consequente desvalorização, pode o comerciante, como o industrial, como o lavrador, realizar a sua defesa de forma completa, tomando o seu produto não em relação ao valor nominal da nota mas sim em relação à quantidade de dinheiro verdadeiro de que necessita para satisfazer a sua ansia de riqueza, ou, ainda, convertendo o papel-moeda, logo após a sua recepção, em bens imóveis que, a dar-se, de futuro, uma nova desvalorização, automaticamente a acompanharão. O jogo desta ongenagem é por demais simplista para que não ressalte, à primeira vista, a burla que ela encerra.

O operário, recebendo como paga dos seus serviços uma determinada quantidade de papel-moeda de que depois se serve para satisfazer os seus encargos, tem sido diminuindo o valor real da paga, na razão directa do aumento de números com que ela é satisfeita. Assim, nos dias de hoje, um assalariado que tenha conseguido uma remuneração de 15 escudos diários — e salários destes são bem raros — julga, fazendo os seus cálculos segundo o padrão monetário de antes da guerra, que melhorou a sua situação. Na realidade, tendo a circulação fiduciária aumentado cerca de 1.500 Or, em relação a esse período, e sofrendo idêntica desvalorização, ganha apenas 1 escudo, o que, mesmo então, estava longe de ser considerado uma soma que desse para viver de maneira razoável.

Mas não sucede o mesmo com o pequeno comerciante, com o pequeno industrial, com o pequeno lavrador? — perguntará o leitor. Não. As vítimas do

logro monetário, são apenas as classes proletárias e as classes liberais. As entidades que acima enumeramos, facilmente se subtraem às consequências desastrosas da política financeira do Estado, porque têm a faculdade de transformar o lucro realizado, como de resto já no decurso deste artigo dissemos, em riquezas indesejáveis, tais como a moeda das nações que conquistaram as mais altas cotações cambiais e aquelas expressões de propriedade que, como as habitações, as acções dos trusts capitalistas empenhados na produção e distribuição das riquezas, e mesmo a propriedade agrícola, representam um valor fixo em relação às flutuações violentíssimas que o sistema fiduciário nacional sofre, merecendo os esbanjamentos do Estado republicano que, recuando a arrancar novos impostos aos seus conservadores, desta forma capciosos e valendo-se da ignorância da maioria produtora, consegue, agra-
vando imprudentemente o desequilíbrio social, realizar a expropriação indirecta de uma parte razoável dos elementos de vida que a maioria da nação conquista com o seu trabalho.

Assim se explica que o Estado, há tantos anos em regime deficitário, ainda não se tenha declarado em bancarrota e que a minoria burguesa se mostre de facto indiferente a perturbações financeiras que apenas comprometem a situação da classe que explora. E preciso que se saiba que existem no estrangeiro muitos milhões de libras esterlinas, propriedade de portugueses que assim se subtraem, conforme apontamos, aos efeitos da política económica-financeira do Estado. Essa gente, que recebe os seus rendimentos em ouro, pouco se importa com o agravamento de divisa cambial. Quanto aos outros, aos empregados da vida cara, aos detentores da produção nacional e aos importadores dos produtos estrangeiros que cobrem o nosso deficit alimentar, tem isto tudo tanto nas mãos, que com a maior facilidade nos fazem pagar pelo pão de cada dia, a quantidade de papel-moeda necessária à realização, mesmo metendo em linha de conta a desvalorização, dos mais fabulosos lucros. Esta é a verdade que o povo trabalhador não deve olvidar.

Assim se compreende a inutilidade dos salários altos — ficticiamente altos, uma vez que a burguesia tem o poder de fazer variar de expressão os valores monetários — e se apresenta em toda a sua clareza a necessidade de empregar, na luta contra a prepotência capitalista, processos de efeito menos ilusórios.

Notas e Comentários

«Zangãos» Nas nossas «notas» em que nos referimos ao cambio classificados de «zangãos» as belas criaturas das forças do «olho vivo» que depauperam este paciente e sofrido povo português. Era uma classificação que, involuntariamente, abrangia todos os parasitas que ignobilmente especulam com as situações alheias.

Mas eis que um ministro, primeiro, e um jornal, depois, explicam que no jogo da bolsa existem, de facto, uns indivíduos conhecidos com aquela designação.

Ficamos iludidos. São «zangãos» os corretores de fundos e de cambiais, sem nomeação oficial. Daqui se conclui que todos os que especulam e vivem à custa do sangue e das lágrimas do despedido trabalhador, não são zangãos, não são parasitas — porque são encardidos.

Pois para nós são zangãos todos os que, oficial ou extra-oficialmente, vivem a expensas ou à custa dos que trabalham: o honrado comerciante da nossa praça, o bemquisto industrial, o integerrimo magistrado, o distinto oficial militar profissional, o hábil advogado, o benemerito banqueiro, todos quantos, enfim, não produzindo, pela inteligência ou pelo músculo, nada de útil, vivem à custa do ingente esforço da maioria escravizada.

E toda a alcaideia de parasitas que infesta a sociedade e lhe impõe um moral avariado, mas conforme com os seus interesses e privilégios de classe ou de casta.

Novo partido? O sr. Martins Vaqueiro, numa entrevista dada à «Opinião» afirmou, garantido que era verdade, que «os deputados socialistas que entram na conjunção, isto é, o Dias da Silva e o Ramada Curto, preparam-se para abrir um partido no seu partido, transformando-o de socialista radical em republicano-social ou em republicano-democrata».

Estamos, então, em presença dum novo partido? Quanto à scissão já é conhecida, assim como as tendências intervencionistas da facção representada por aqueles dois elementos. Talvez assim seja melhor. De mais a mais, sendo todos republicanos, fundamentalmente democratas, o melhor é que co-mo tais se apresentem.

Assim não haverá equívocos...

Sensibilidade «O falecimento do Papa tem o condão de sensibilizar crentes e ateu» — diz um jornal. Não nos parece. Há, até, muito religioso que não se comoveu, e quasi lhe foi indiferente que morresse o Papa. Quanto aos ateu!

E não é de resto, para estranhar. Pois como há de comover-se aqueles entes queridos morrem obscura-

mente, depois de terem sofrido atribulações indizíveis, sem conforto nem amparo de qualquer espécie?

Quanto à sensibilidade do próprio religioso conservador e endinheirado — sabe muito bem o autor do eco a que nos reportamos — que é postica. E' ou não verdade? Fale franco!

Nem de car. Um jornal m-arquiano, comentando o artigo por nós publicado sob o título «A luta contra a opressão», diz que a C. G. T. e a Batalha têm razão. Por amizade? Por concordância? Nada disso... Era-também o que faltava... as ambições monárquicas concordam com os princípios socialistas revolucionários. O articulista do jornal monárquico em referência utiliza-se do artigo para atacar os republicanos — que não nos preocupam — e (é isto o que nos interessa) para puchar a brasa à sua sardinha.

E, senão, repare-se neste naco de prosa:

«Há quem pretenda malquistar as classes trabalhadoras com a ideia m-arquica, fazendo-lhes crer que a volta da monarquia seria a instituição duma tirania capitalista, de par com a de uma tirania política. Não creio que haja entre as classes operárias quaisquer elementos senatos que deem a semelhantes boboieiras».

Engana-se o articulista. Não são positivamente as boboieiras mil quilo-gramas dos republicanos que levam as classes trabalhadoras a não acreditar na ideia monárquica.

Estas, representadas pelos seus organismos de classe, não vão lá atrás dos políticos avançados, quanto mais dos retrogrados e das suas ideias.

Ainda se ela não tivesse já experimentado as humanitárias belezas da monarquia! Não importa que se lhe venha a dizer que a monarquia de 1910 não se trata de uma monarquia «que dá de voltar» — as questões, sabe muito bem a classe operária que são as de-se-tratar, sem auxílio de bem intencionadas interpostas pessoas.

Levando em conta a «influência» dos factores naturais da evolução, a classe operária, embora a pouco e pouco, vai compreendendo que a directriz desses fenómenos, que ela com a sua acção impulsiva, só pode conduzir a sociedade a uma radical e profunda transformação, que fará tabular a raça dos inconfessáveis interesses dos plutocratas republicanos, como dos plutocratas aristocratas da monarquia, com todos os seus reais privilégios de casta.

Não tenha o articulista dúvidas. Com a monarquia — nem de carinho!

Ainda a bota. Da Arca de Noé, dizem-nos a seguir:

«O alto comissário de Moçambique.

A revolta do Egipto

A Inglaterra pode considerar-se uma Potência vitoriosa?

«Parece-nos que deixamos passar no Egipto uma ocasião de acordo e que tam-depressa não encontraremos outra».

O Manchester Guardian fazia recentemente esta constatação. Porque, a vitória inglesa no Egipto, não se trata de uma vitória sobre os seus vassallos e uma autoridade muito miudada.

A sua situação na Índia é certamente mais difícil actualmente que a que lhe foi criada nos meados do século passado, pelo movimento insurreccional indiano.

Por outro lado nunca a Irlanda foi teatro duma guerra civil mais encarnizada que em 1921. E nunca também, depois de 40 anos de ocupação do Egipto pelas tropas britânicas, este se ergueu com a mais decidida resolução contra o domínio estrangeiro.

Estes factos veem confirmar a nossa convicção de que os papéis de vencedores e vencidos, ficaram tam longe de se definirem com nitidez a seguir à guerra mundial, como o estavam antes da solução do conflito.

A vitória inglesa encontra-se nas suas possessões em presença de fenómenos característicos dos países vencidos. Apesar da sua vitória formal o capitalismo britânico sofre os efeitos da crise mundial.

E é este sentimento de instabilidade da ordem antiga e a impossibilidade de criar por golpes de força novas formas económicas e políticas que alimenta a efervescência dos países vassallos da Grande-Bretanha.

Até metade da guerra mundial, o Egipto foi nominalmente uma província turca, mas, na realidade, estava sob o domínio inglês. Era ocupado simultaneamente pelas tropas e pelos capitalistas ingleses e superiormente governado por Lord Curzon.

E logo que a Inglaterra declarou a guerra à Turquia apressou-se a desligar o Egipto da sua vassalagem oficial para o sul do Egipto de Constantinopla. Desde então, por graça de S. M. Britânica, impera no Cairo, um novo sulão. E é contra este estado de coisas que se insurgem as povoações.

Os partidos egípcios

Ultimamente havia ainda no Egipto dois grandes partidos: um partido moderado apoiado numa burguesia indígena partidária de um acordo com o governo inglês e que era dirigido por Adly-pachá e um partido radical chefiado por Zagouli-pachá, notável propagandista e organizador.

Este partido pretende a expulsão dos exploradores estrangeiros e a independência do Egipto e soube ligar a si a mocidade escolar e universitária.

A universidade maometana do Cairo transformou-se numa cidadela revolucionária. Logo que se produziu um movimento popular os estudantes declararam-se em greve, veem para a rua e espalham-se nos campos onde vão pregar a revolução.

Estes milhares de jovens intelectuais maometanos entusiastas e fanáticos formam a força motriz da revolução.

A situação actual do Egipto parece-se com a da Europa em 1848, e mais ainda com a da China actual, onde a mocidade intelectual se colocou à frente do movimento revolucionário nacional.

Tanto na China como no Egipto a mocidade só tem em mira ideias nacionais, mas pela força das circunstâncias vêem-se forçados a lutar contra o capital internacional, não podendo por este motivo procurar apoio na burguesia indígena e portanto é unicamente com as massas laboriosas que esta mocidade conta e com quem só deve contar.

Semelhante estado de coisas imprime portanto à acção revolucionária tanto na China como no Egipto um carácter nitidamente social.

E isto dá-se no Egipto, apesar do movimento operário propriamente dito estar ainda na infância, pois existem poucas organizações sindicais e a educação política do proletariado mal começou ainda.

A democracia britânica impõe-se pelas bastonadas e pelas deportações

A Inglaterra durante os últimos anos viu que só se podia manter no Egipto pela força das baionetas e que se tornava supérfluo procurar um acordo com a população indígena.

Mas por motivo de persistentes perturbações teve de nomear uma comissão encarregada de estudar a situação no país.

Presidência desta comissão foi confiada a Lord Milner que é para muitos o mais moderado representante do imperialismo britânico.

A comissão Milner advogou uma série muito complexa de medidas e especialmente a evacuação das tropas que pela sua atitude provocadora se tinham tornado mais particularmente odiadas. O canal de Suez, via de comunicação particularmente importante para o império britânico, seria o único sítio onde se deveria conservar uma forte guarnição inglesa.

Lord Milner pretendeu levar a efeito um compromisso entre a burguesia indígena e a com este fim Adly-pachá no outono findo foi a Londres negociar uma convenção em concordância com o relatório Milner.

A obediência do Foreign Office e de Lord Curzon, tudo modificou pois que Adly-pachá foi convidado a assinar uma convenção que era simplesmente a consagração da ocupação militar e do

Os continuos aumentos da circulação fiduciária constituem um novo factor de miséria para o povo trabalhador. Estes são os mais positivos, reais e palpáveis inventos dos capitalistas para ludibriarem o povo, enganando-o com papel — para mai eficazmente assegurarem a posse do ouro.

Contra o aumento do preço da água

Realizou-se ontem, com desusada concorrência, a sessão de protesto promovida pela U. S. O.

Realizou-se ontem a anunciada sessão de protesto contra o preço da água e a carestia da vida, promovida pela União dos Sindicatos Operários. A concorrência que era enormíssima encheu completamente as salas da U. S. O.

Presidiu Alberto Monteiro, delegado dos alfaiates, secretariado por Torcato Alves Braga, dos manipuladores de pão, e Henrique Marques, da União Textil. Usou em primeiro lugar da palavra José Gonçalves, da secção metalúrgica do Beato, que condenou em termos vigorosos a elevação do custo da água que a Companhia das Águas pretende levar a efeito. Apela para os proletários, pedindo-lhes para que se preparem para resistir a semelhante exploração. Seguiu-se-lhe Zacarias Pinho, da Federação Metalúrgica, que fala na mesma ordem de ideias do orador antecedente, declarando que o organismo que representa está disposto a coajudar o movimento que a U. S. O. pretende levar a efeito para forçar a Companhia a desistir do aumento que ela pretende lançar sobre os consumidores.

Nesta altura é recebido na mesa um ofício do pessoal do Arsenal do Exército congratulando-se pelo movimento de protesto da U. S. O., oferecendo-lhe o seu apoio.

O delegado do pessoal da Imprensa Nacional afirma que os discursos não resolvem a questão. Os discursos servem para preparar a acção. E' nela que o operariado deve confiar, é a ela que o operariado deve as vitórias por vezes alcançadas contra os seus exploradores de sempre.

José dos Reis, delegado dos Marinheiros e Motos da Marinha Mercante, declara ser a sua classe solidária com a acção desenvolvida pela U. S. O. tendente a resistir à nova extorsão da Companhia das Águas.

António Marvão, delegado dos mobiliários, ataca a Companhia das Águas, e diz ser necessário intensificar a acção indo-se até ao comício público.

João Coutinho, que pede a palavra, invocando a sua qualidade de consumidor, faz um ataque cerrado à Confederação Patronal, descrevendo o papel ignóbil que ela tem desempenhado na vida económica, responsabilizando-a por todos os maus resultados que a ela pertencem e defendendo.

O povo consumidor tem o dever de se colocar ao lado da U. S. O., visto

Rebeldias

Lisboa vive tranquila sob a ameaça de duas epidemias. A dos que se arvoram em jornalistas empunhando uma pena com o desembarço e a sem-cerimonia de quem empunha uma vassoura e a do aguerrido e numeroso batalhão de mulheres nascidas para a prosa e que escrevem, publicam versos e quando o diabo cega vendem dos seus livros, livrinhos e livrecos, alguns exemplares. Há muito que espero quinze minutos que me não façam falta para falar das tais mulheres que versos escrevem. Hoje, posso precisamente esses quinze minutos, mas a poetiza que eu tenho diante de mim está numa entrevista dum senhor chamado Lopes e não no seu livro de versos que a livraria Portuguesa vende por não o ter, nem comprado nem lido. Porisso vou referir-me à poetiza, através da entrevista, através do tal sr. Lopes. Assim passo a descrever-lhe aos leitores deste jornal tal qual a pintou o já duas vezes citado sr. Lopes, no jornal onde é contratado.

Beatriz Delgado vive numa mansarda. A mansarda é encantadora — segund-o afirma o Lopes. Mas o sr. Zuzarte Mendonça, filho do Zuzarte Mendonça, cruzado velha da velha religião católica, recita um poema. «A mansarda transmuta-se em poema coisa de bolo» — logo se conclui que a mansarda é feia e o Lopes mentia quando a declara bonita ou a recitação do poema do sr. Zuzarte Mendonça (filho) tem a mágica propriedade de transformar as habitações, embelezando-as. Se assim é, que pena a gente não conheceria sr. Zuzarte Mendonça (filho)! — A mascote da poetiza é — não adivinharam? — um bábê em mangueiras de camisa. Os olhos de Beatriz Delgado tem — diz o Lopes — «uma ardente de sonhos divinos». Extraordinários olhos! Beatriz Delgado oferece ao jornalista Lopes um «cálido disto». Talvez fosse melhor ter-lhe oferecido um «cálido «adulterio». Para a poetiza um cigarro representa um verso e — Oh! decima maninha! — até um soneto. A poetiza tem um entusiasmo de harpa, qualidade de entusiasmo desconhecido até, há dias, o Lopes; jornalista, a ter revelado. Não calculam a influência que um tapete pode ter na literatura. E' no seu tapete que Beatriz Delgado se rebela à procura de versos. Como vêem, ela possui um tapete extraordinário. Se não fecha bem a porta, mais mais, menos dia, aparece-lhe em casa, meninas de todas as dimensões, pedindo para se rebolar no tapete, a fim de acharem versos para encherem livros. A poetiza faz ainda coisas exqu岸itíssimas: espalha perfumes pela casa, transforma o fumo da sua «cigarrete» egípcia em versos, manda o seu espírito pelo espaço em demanda do seu Deus e recebe artistas vindos do inferno... das ruas!

Em sua casa não se recebem burgueses.

AS GREVES

Manufactores de Artigos de Viagem

Continua insolúvel esta greve, devido à mesquinhez dos industriais. Os grevistas, ontem reunidos, manifestaram-se mais uma vez pela continuação da greve até integral satisfação das suas reclamações.

Nota do comitê

Camaradas: Termina hoje o prazo concedido pelos industriais para retomarem o trabalho com os 30%; não obstante, chegam-nos ao conhecimento que alguns industriais da «União» estão dispostos a dar os 50%, não o fazendo ainda por que temem romper o compromisso tomado entre eles. Há até um industrial que disse já ter perdido 12.000\$000 durante a greve, e outros dizem que já não estão dispostos a estar mais tempo sujeitos às conveniências dos manceiros da «União».

Podem, contudo, estar descansados os srs. industriais que ainda não é amanhã que os grevistas retomarão o trabalho, por quanto eles só o retomarão quando os patrões lhes concederem o aumento reclamado, aumento este que eles já fazem no artigo, pretendendo com a sua oferta de 30% locupletar-se com mais uma parte, a parte que pertence aos operários.

Aos grevistas nomeados para as comissões de vigilância se recomenda que devem comparecer à hora marcada.

Espera este comitê que saibais responder dignamente à fixação de prazo dos industriais, restando que vos continueis afirmando como até aqui.

Camaradas: A vossa vitória está por pouco, e agora como nunca ela se afirma certa.

Viva a organização operária!

Abaixo os traficantes de carne humana!

A reunião de hoje é às 14 horas. — O comitê.

Sociedade Portuguesa de Arte Moderna

Os sócios regatados na Sociedade Nacional de Belas Artes reuniram ontem na redacção da Luta tendo deliberado constituir-se em sociedade, sob o título de Sociedade Portuguesa de Arte Moderna, cujos estatutos foram aprovados. Foram nomeadas comissões de honra e de propaganda. Tomaram também várias deliberações de carácter reservado.

Nem tudo quanto luz é ouro...

O delegado dos I. W. W. dá-nos, num relatório preliminar, as suas impressões do Congresso da «Internacional Sindical Vermelha», realizado em Moscôvia

O relatório, que abaixo transcrevemos, foi escrito a 28 de setembro findo, em Berlim, por Jorge Williams, delegado dos «Trabalhadores Industriais do Mundo» ao congresso da Internacional Sindicalista Vermelha, realizado em Moscôvia, e publicado no jornal norte-americano, *Industrial Solidarity*, órgão dos I. W. W., de 17 de Dezembro findo, do qual o traduzimos.

«Suponho que a nossa organização deve estar ansiosa por saber notícias mínimas, mas o não o tive porque não escrevi mais do que o essencial sob muitos pontos. O primeiro é de que não desejava confiar nada aos correios que passavam por lá, e a situação era tal que era impossível obter as informações necessárias para um relatório consciencioso. Pode parecer estranho que tenha que dizer isto, mas a forma como o congresso foi conduzido, e as fracas tradições que se faziam das actas do que se passava era impossível obter-las. Pouco se imprimiu em inglês, enquanto o congresso esteve em sessão por falta da necessária preparação para trabalhar com este idioma. Mesmo agora, passados alguns meses, apenas metade está impressa, e é de uma composição tão mesquinha que quasi não tem valor. Em vista desta situação e de outras condições que é conveniente omitir decidi-me a procurar noutras linguas o que não foi impresso em inglês. Dou agora apenas uma ideia do que se passou no congresso da Sindical Vermelha em Moscôvia. Quando chegar aos Estados Unidos e depois de obter mais material farei um relatório mais detalhado.

Quando cheguei a Moscôvia em 1 de julho, vi que tinha sido precedido por outros três camaradas, que se apresentavam como delegados da «Metal and Machinery Workers Industrial Union» (União Industrial dos Trabalhadores de Metais e Maquinismos). Sómente conheci os seus apellidos. São Belinks, Belotín e Calvert. Belinks e Belotín tinham credenciais do conselho dos I. W. W., do distrito de Nova York. Eles disseram-me que juntamente com Calvert, tinham sido eleitos pela assembleia dos «Metal and Machinery Workers», realizada em Detroit em Fevereiro de 1921. Todavia, apesar de ambos os disseram, pela assembleia dos «M. and M. W.», o comité director negou-lhes as credenciais, dizendo que a assembleia geral enviava um delegado, e também que Hardy, se encontrava então na Rússia, e representaria os I. W. W. em Moscôvia, e representaria os I. W. W. em Moscôvia, e representaria os I. W. W. em Moscôvia.

Encontrei-o pouco antes de eu sair da Rússia, dizendo-me o mesmo quanto aos outros delegados. Calvert era secretário do «Metal and Machinery Workers». Menciono isto, para que compreendam melhor o que depois vou dizer sobre o congresso da Internacional Sindicalista Vermelha.

Também lá estava o camarada Krans, que tinha poderes para substituir Hardy, que estava na Rússia, quando deram as credenciais, não se sabendo, porém, se se demoraria lá até à realização do congresso, em virtude de demoras e de adiamentos. Krans era tipógrafo no jornal russo da organização de Chicago.

Os camaradas acima indicados tinham chegado a Moscôvia dois meses antes de mim, e tinham já tomado parte em várias conferências com outros delegados americanos.

Tinham já sido reconhecidos oficialmente como delegados dos I. W. W. pelos representantes do conselho provisório da Sindical Internacional Vermelha, trabalhando o melhor que podiam na falta de um delegado oficial.

Quando cheguei a Moscôvia e tive conhecimento isto, informei estes camaradas de que as minhas credenciais especificavam que eu era o único delegado oficial com poderes conferidos pela assembleia geral, com o que eles concordaram, pelo que foram depois admitidos no congresso como delegados «fraternais». Não encontrei razões para protestar contra isto, porque não havia ninguém em Moscôvia, que soubesse quem era o delegado da assembleia geral, além de que mais uns poucos de delegados fraternais não faziam dife-

Receita caseira

Enviem-nos a seguinte carta:

Sr. redactor: — Levo ao seu conhecimento o resultado de várias experiências que venho fazendo a tempo no tratamento de febres com altas temperaturas, empregando para esse fim cataplasmas de cebola hortense (Allium cepa) com o qual tenho obtido extraordinários resultados.

V. avaliará pelas baixas que indico. Numa febre com caracter tifoide (dor na fossa ilíaca e manchas ipitueais) cuja temperatura oscilava entre 39° e 40° graus, havia já três dias, ao fim da primeira aplicação de quatro horas, baixou para 37° 8.

Em outros casos de febres com altas temperaturas, sem que contudo se lhe possa atribuir um diagnóstico exacto, tenho obtido tam bons resultados que isso me anima a vir pedir-lhe a divulgação do tratamento, chamando para o caso a atenção de todos aqueles que têm a seu cargo o estudo e tratamento de doentes, na certeza de que assim presto um serviço a quem que o quer aproveitar.

Consiste o tratamento na substituição dos sinapismos de mostarda com que se castiga o doente sem que nem sempre se colha o resultado desejado, pela aplicação de cataplasmas de cebola comestível, que se prepara da forma seguinte:

Descasca-se uma porção de cebola que chegue para uma cataplasma que envolva os pés e as pernas do doente até quasi ao joelho, e magae-se bem por qualquer processo (se for triturada será máquina de pisar carne melhor-se-á não havendo máquina deve meter-se a cebola pisada dentro de um pano grosso e leve e a um almofariz onde se esmagará convenientemente, incorpore-se a polpa assim obtida com o sumo e aplica-se dentro de panos em formato de meia ou mesmo dentro de meias bastantes largas (folgadas) ao doente, tendo o cuidado de o pé e a perna ficarem bem envolvidos na polpa da cebola. O termómetro regular a baixa da temperatura e portanto a duração da aplicação que não deve ir além de 5 horas, pois findo esse tempo o cheiro indica que já está alterado o seu valor terapêutico, devendo, ao retirar-se, ser imediatamente removido do quarto e lançado ao esgoto.

Nunca fiz duas aplicações seguidas, tendo no entanto repetido a aplicação ao fim de 18 ou 24 horas em casos agudos.

A flicca a receita; é pobre e aos pobres a dedico, visto grassar entre nós uma epidemia de febres de mau caracter, e os medicamentos só estarem ao alcance dos ricos.

IGNOTUS

As credenciais de Wells, eram também fraternais

As credenciais de Crosby, eram boas, com referência aos metalúrgicos, mas as das minorias do «vestuário de Boston», eram algum tanto «diversas», quando muito representavam as minorias feitas pelo Partido Comunista Americano. Crosby é um comunista. Uma das coisas mais interessantes das credenciais dos membros comunistas da delegação americana, é que representavam organizações de diferentes partes do país. Evidente que se estava pouco com as distâncias nos cálculos. E o facto é que eles não podiam ser membros duma organização da cidade de Kansas e duma outra da Nevada para ao mesmo tempo e ter-se não fez nada para o caso. Um comité honesto de credenciais não teria aceite tais mandatos, mas parece que eles haviam partido da América com a certeza de que tal não sucederia. Eles foram recebidos de braços abertos.

A despeito da fraude flagrante o comité de credenciais concedeu-lhes o voto decisivo, como era de esperar.

Os delegados americanos contra os quais eu protestei chegaram a Moscôvia um ou dois meses antes de mim. Sendo reconhecidos logo como delegados, eles organizaram-se como «delegação americana», preparando-se para tomar parte no congresso.

(Continua)

A vitória de Monsanto

A Comissão de elementos «19 de Outubro» e a direcção do Centro Republicano Antonio Maria Baptista, convidou o povo republicano e especialmente os que sofram as agruras do dezembro, a assistir às eleições, pelas 21 horas, na rua dos Condes, n.º 9, 1.º, à sessão comemorativa do terceiro ano da vitória de Monsanto, fazendo uso da palavra vários oradores.

Tribunal de Defesa Social

O caso de Aveiro

Estava marcado julgamento para o dia 23 último, no Tribunal de Defesa Social, dos nossos camaradas presos em Aveiro, Mário Guedes, Faustino Pereira Junior e Ribeiro Dias.

Como não tivessem chegado as deprecadas das testemunhas de Aveiro e do Porto, ficou este transferido.

Aconteceu que o escrivão que há de ouvir as testemunhas no Porto, só as ouvirá hoje, quarta-feira, de maneira que a ter-se realizado o julgamento na segunda-feira, era inútil tal serviço, pois que só chegaria depois do julgamento efectuado, resultando ser verdadeiro mais uma vez o ditado que diz: «Depois do burro morto, cevada ao rabo».

Uma comissão da Federação da Construção Civil procurou ontem o juiz presidente do dito tribunal, a fim de saber quando se realizaria o julgamento, obtendo a promessa de que na próxima semana definitivamente se deve efectuar.

Incêndio

Declarou-se ontem numa tipografia do Arco de Bandeira

Pelas 19 horas de ontem declarou-se incêndio no escritório e armazém da tipografia Bayard, sita na rua Arco de Bandeira, 106 a 110.

O fogo chegou a tomar grandes proporções, motivo porque compareceu no local muito material de extincção. O incêndio foi circunscrito ao escritório, tendo sido extinto com o emprego duma acilhetta, sob a direcção do chefe da 4.ª secção, tendo também comparecido o pessoal superior.

Os prejuizos são importantes. Estava segura na Companhia Ultramarina.

Continuo, servente ou guarda da noite

Para serviço de jornal 3 horas. Ofereço-se. Serviço das 20 às 3 horas. Sabe ler e escrever e dá abonações. Carta a José Benedy, administração deste jornal. Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Continuo, servente ou guarda da noite

Para serviço de jornal 3 horas. Ofereço-se. Serviço das 20 às 3 horas. Sabe ler e escrever e dá abonações. Carta a José Benedy, administração deste jornal. Calçada do Combro, 38-A, 2.º

raria portuguesa possa orientar a sua atitude quanto às relações internacionais. Os documentos apresentados ao Congresso foram traduzidos em inglês e francês. Ele, Perfeito, tem que traduzir os que lê ao Conselho Confederal. Por esse motivo não pode já ler todo o extenso livro que reúne as deliberações do Congresso da Internacional Vermelha. Hoje pode já ler ao Conselho os estatutos desta internacional.

Todos os artigos e capítulos destes estatutos são esclarecidos por Perfeito na linguagem que lhe é mais familiar, e os pontos em que estes se referem ao funcionamento da I. S. V., do seu Conselho e Comité, da coligação, das relações e formas de adesão, etc.

Tencionava traduzir e apresentar, como disse, os principais ou todos os documentos discutidos e aprovados em Moscôvia. Mas estes documentos são de incompleto valor não sendo acompanhados dos discursos que em volta deles se produziram e que melhor nos dão a ideia das várias maneiras de ver dos congressistas. Esses discursos fazem parte do livro stenográfico do Congresso que vai procurar obter.

Depois de uma ligeira troca de esclarecimentos entre o orador e diversos delegados, Perfeito de Carvalho termina a sua exposição, e os documentos lidos nesta e na anterior sessão são pelo presidente postos à admissão e admitidos.

Na discussão pronuncia-se, em primeiro lugar, Miguel Correia, delegado da Associação do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Oeste, que diz não poder, e decerto também a maioria dos delegados do Conselho não pode, apreciar os documentos em discussão porque a sua simples leitura não é bastante para o necessário conhecimento da sua doutrina e para nos habilitar a discutir-las.

Manuel Joaquim de Sousa diz que,

A BATALHA NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

Monção

21 DE JANEIRO

Rendimentos dos operários

N. dia 18 do corrente deu entrada no hospital desta vila, Manoel Carvalho, da freguesia da Bela, deste concelho, que trabalhava na fábrica de serragem «A Industrial Alto Minho» e que ali foi colhido por uma correa dum volante, que o deixou em perigo de vida.

O temporal

O temporal que há dias causou bastantes estragos em todo o país, não produziu aqui, felizmente, casos dignos de registro. — E.

Portimão

22 DE JANEIRO

Morto de fome

No dia 20 do corrente, pelas 14 horas, foi encontrado morto entre duas estacas de cimento armado de brucos, delelado e todo «esfarrapado», na estação do caminho de ferro Portimão-Feragudo, o operário natural Macário Dinis, de 55 anos, natural de Silves, residente na Mexilhoeira da Carregueira. Há dois dias e duas noites que ali está o cadáver, com a pobre da mulher e quatro filhos menores junto dele, sem que sejam dadas providências.

O desgraçado morreu de fome. — C.

Viséu

22 DE JANEIRO

O temporal

Também aqui fez grandes estragos o vendaval de há dias. Além de outros desmoronamentos, caiu parte da parede da Avenida-Theatro — em construção — causando prejuizos de alguns milhares de escudos.

Is eleições

Tem sido áspera mas justamente censurado o acordo eleitoral firmado pelos representantes dos diversos agrupamentos políticos. Se os deputados já estão nomeados, para que é a larga do dia 29? Um dos candidatos encravados é o Major Cruz, que a despeito da propaganda feita em toda a parte e até no Irlis, pelo interessado, e na imprensa por alguns amigos, não conseguirá uma cadeira em S. Bento, embora para isso ele julgue ter direito, opinião de que nem toda a gente partilha.

Uma promessa que falha

No primeiro número do seu jornal, garantia o administrador do concelho que o fogo em Viséu seria severamente reprimido. Pois apesar de tam formal promessa, as roletas funcionam publicamente, sem que alguém se lembre de meter na ordem os jogadores impenitentes. Dizem que isso se deve à acção dum conhecido boticário da terra que, para tal fim, foi expressamente a Lisboa. Seja esse ou não o motivo, o certo é que a boa vontade de que o alferes sr. Adão parecia estar possuído, faltou.

Os patriotas

Parece que alguém se doe pelas ligeiras referências feitas ao seu tipo, na nossa última carta. Se disso tivéssemos a certeza, seríamos um pouco mais claros.

Assim, para a outra vez será, que vontade não nos falta.

Tribunal dos Desastres no Tralho

Consta-nos que brevemente se realiza, neste tribunal, o primeiro julgamento.

— C.

«A BATALHA»

no Barreiro vende-se na leitaria Lá Vai, na R. Joaquim António de Aguiar.

Continuo, servente ou guarda da noite

Para serviço de jornal 3 horas. Ofereço-se. Serviço das 20 às 3 horas. Sabe ler e escrever e dá abonações. Carta a José Benedy, administração deste jornal. Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Teatros

Fest e artísticas

Hoje, no Apolo, recita o actor-encarregado Rosa Mateus com a opereta «Boa Viagem», o quadro de revista «Hotel do Pirilau» e 1 acto de «Variedades».

Amanhã é a de Judite de Sousa, depois de dois coristas, no domingo a despedida de «E' o levas» e a 30 a festa artística da distinta actriz Dora Vieira.

Noticias

Em recita única, no Politeama, da lindíssima peça *Uma mulher sem importância*, efectua-se hoje a festa do canhoto, Bernardino Soares.

Pode afirmar-se que há de ser uma enchente formidável.

Em consequência da dissolução da Companhia Palmira Bastos, estão actualmente sem escritura, entre outros, os seguintes artistas: António Gomes, Samuel Diniz, Margarida Martins e Irene Gomes.

— A estreia da Companhia Russa efectua-se em Lisboa, no teatro Apolo, com a «premiere» da peça *Belo Sexo*, que é uma revista fantasia em um prólogo, dois actos e catorze quadros, original de Ascensão Barosa e Abreu e Sousa, com música de Alves Coelho e Ascensão Barosa. A peça obteve enorme êxito no Nacional, do Porto.

Reclames

Hoje, em recita da moda, vai de novo à scena no Nacional a encantadora comédia dos Quinteiro, *O Centenário*, que tem conquistado os mais unânimes louvores.

— Hoje, no Avenida, em espectáculo a favor do Asilo de Santo António, representa-se o 1.º acto do *Conde Barão*, pelos primitivos intérpretes.

— A revista *Bichinha gata*, está dando as ultimas representações antes da estreia do novo quadro.

— Na próxima sexta-feira apparecerá completamente remodelada e com um quadro novo cujos principais papeis estão a cargo de Laura Costa, Lina De-

CARTAZ DO DIA

S. CARLOS.—As 20,30.—Aida.
NACIONAL.—As 21.—O Centenário.
S. LUIS.—As 21.—A Morcinha, opereta.
POLITEAMA.—As 21,30.—Uma mulher sem importância.
AVENIDA.—As 21,15.—1.º acto do «Conde Barão», 1 acto de variedades e «Casa com escuros».
CHADO TERRASSE.—As 21.—O Juiz de Fora.
APOLLO.—As 21,15.—Boa Viagem, opereta e «Barro em pé», revista.
EDEN.—As 20,30 e 22,30.—Tic-Tac, revista.
FOZ.—As 20,30 e 22,30.—Bichinha gata, revista.
COLISEU DOS RECREIOS.—As 20,45.—Companhia de circo.
ANJOS.—As 21.—Companhia infantil.
CONDES (Avenida).—Animatógrafo.
PRO-MOTORA (ab. Calvário).—Animatógrafo.

Histoire des Bourses du Travail

Origine—Institutions—Avenir

por Fernand Pelloutier com um prefácio de George Sorel e uma nota biográfica de Victor Dave.

Preço 7 francos—Sete escudos.—A venda na Administração de A Batalha.

Gama

Grande variedade

Bilhetes, frascos e caixas para todas as

LOTERIAS

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais 15 por registo

Fornecer para revender

TELEPHONE 1.000 CENTRAL

PEDIDO A

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51—Lisboa

CLÍNICA DENTÁRIA

PARA AS CLASSES POBRES

(Preços de Policlínica)

Consultas das 10 as 12

MÁRIO MACHADO

Da Escola Dentária de Paris

R. Garrett, 74, 1.º—Telef. C. 4136

«Peroxydril»

A melhor água oxigenada. A venda em todas as farmácias e drogarias.

Fabricados «Bancira» de Mello, Lda.

RENOVAÇÃO

Já se encontra à venda o n.º 3

Revista brasileira

PREÇO 120 — Pelo correio 635

A C. G. T. portuguesa

e as relações internacionais

Sessão de 11 de Novembro

No dia 11 de Novembro de 1921, pelas 21 horas, reuniu o Conselho Confederal, para continuação dos trabalhos da sessão anterior.

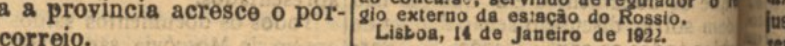
A mesa é a mesma, por assim o resolveu o Conselho consultado pela camarada Jerônimo de Sousa, presidente.

Acta da sessão de 9 de Novembro de 1921

A convite do presidente, o camarada primeiro secretário procede à leitura da acta da sessão anterior. Posta em discussão, Manuel Joaquim de Sousa diz parecer-lhe que a acta que acaba de ler faz parte de documentos que só se presente ou em futuras sessões poderão discutir-se e que, por isso, não deveria ainda considerar-se na mesa.

O secretário explica que a acta tam não é referente à leitura desses documentos por parte de Perfeito de Carvalho. Eles foram, com efeito, lidos naquella sessão e, portanto, a acta não podia deixar de lhes fazer referência.

Manuel Joaquim de Sousa dá-se por satisfeito com estas explicações e acenando para os documentos em questão não poder sofrer discussão senão depois de mudadas todas as considerações de Perfeito de Carvalho e conhecidos todos os



a a provincia acresce o por-
correio.